

'Cid tinha autonomia', afirma Bolsonaro sobre venda de joias

Presentes sob investigação

Bolsonaro diz que Cid tinha 'autonomia'; advogado muda versão sobre confissão

Questionado pelo 'Estado', ex-presidente afirma que não mandou ex-ajudante de ordens comercializar joias recebidas; defensor de tenente-coronel recua e faz declarações divergentes

WESLEY GALZO ABADIÂNIA (60)

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou ontem ao advogado Mauro Cid tinha "autonomia" como seu ex-ajudante de ordens. A afirmação foi feita em resposta a um questionamento se ele havia mandado o auxiliar direto comercializar joias recebidas pela Presidência durante visitas oficiais. Antetentem, o advogado Cezar Bitencourt, que defende Mauro Cid, disse que seu cliente confessaria à Polícia Federal que vendeu os objetos no exterior em nome de Bolsonaro. Ontem, porém, em mensagem ao Estado, ele indicou recuo quanto ao teor da confissão ao afirmar que seu cliente não falará de joias.

"Ele (Cid) tinha autonomia", disse Bolsonaro em Abadiânia (GO), cidade a caminho de Goiânia, onde o ex-presidente foi homenageado na noite de ontem. A conversa com a reportagem ocorreu enquanto Bolsonaro comia um pão com

manteiga acompanhado de café com leite em uma panificadora da cidade.

Na entrevista, Bolsonaro afirmou ainda que deseja "clarear o mais rápido possível" o caso das joias. A pedido da PF, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes autorizou a quebra dos sigilos bancário e fiscal do ex-presidente e da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro no âmbito desta investigação.

Quando questionado se estava se sentindo mal diante da possibilidade de delação do seu ex-assessor de confiança, Bolsonaro devolveu a pergunta: "O que você acha?" Durante a entrevista, o ex-presidente tentou passar a imagem de tranquilidade, mas oscilou entre momentos de tensão e estresse.

PORTARIA. Bolsonaro reafirmou que, no seu entendimento, não há ilegalidade sobre o destino das joias que recebeu como presidente. Ele citou uma portaria de 2018 do ex-presidente Michel Temer que tipifica as pedras preciosas como itens perso-

nalíssimos. Ele não soube responder, no entanto, se teria cometido algum crime depois de 2021, quando o texto foi revogado pelo próprio governo dele.

A principal referência sobre os critérios é um entendimento fixado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) ao analisar diferentes leis e decretos em 2016. O TCU decidiu que presentes recebidos em agendas e viagens oficiais devem ser incorporados ao patrimônio da União, mesmo que dados ao presidente.



"Se for flagrado, eu me disponho a Justiça. Eu quero clarear o mais rápido possível"

Jair Bolsonaro Ex-presidente da República

Há exceções para os "itens de natureza personalíssima". Como exemplo, o TCU citou "medalhas personalizadas, bonês, camisetas, gravata, chinelo e perfumes". Para que um presidente possa ficar com o material, é preciso que seja algo pessoal e também que te-

nhá um valor baixo.

O relator do caso à época, ministro Walton Alencar, deixou claro que joias preciosas não poderiam ser consideradas "personalíssimas". "Imagine-se, a propósito, a situação de um chefe de governo apresentar o presidente da República do Brasil com uma grande esmeralda de valor inestimável, ou um quadro valioso. Não é razoável pretender que, a partir do título da cerimônia, os presentes, valiosos ou não, pos-

seu cliente buscou resolver "um problema" do chefe, mas negou que ele tenha agido a partir de uma ordem específica de Bolsonaro.

A nova versão difere do que o próprio Bitencourt havia declarado a diversos veículos de imprensa desde quarta-feira. Antes, o advogado dizia que Cid agiu "a mando de Bolsonaro" para vender as joias. "O Cid não nega os fatos. Ele assume que foi pegar as joias. Resolve isso lá". Ele foi resolver. "Vende a joia". Ele vende a joia", disse o advogado à revista *Veja*. Acrescentou, ainda, que o dinheiro da venda era de Bolsonaro e Cid entregou para o ex-chefe do Executivo federal em espécie.

Menos de 24 horas após a publicação da *Veja*, o defensor mudou sua versão. Em entrevista à GloboNews, Bitencourt negou ter falado que a negociação para venda no exterior de um relógio ocorreu "a mando do Bolsonaro". O ex-presidente teria pedido apenas, segundo Bitencourt, para Cid "resolver o problema do Rolex".

COLABORARAM TÁCIO LORRAN E VINÍCIUS VALFRE

'Eu recebi o Delgatti, não nego', diz ex-presidente. 'Para que fazer acareação?'

ENTREVISTA

Jair Bolsonaro Ex-presidente da República

ABADIÂNIA (60)

Nesta manhã, como o senhor estava se sentindo com essas especulações (de prisão)? Passei quatro anos difíceis, né? Para o Brasil e para mim também, para a minha família. Eu tô há oito meses aqui, estamos em agosto né? Parece que eu continuo sendo... pautando a vida. Tem uma declaração do (Arthur) Lira (presidente da Câmara) falando sobre esse caso, né? Todos os ex-presidentes tiveram problemas (com presen-

tes). A legislação é confusa.

Quanto ao hacker Walter Delgatti, o sr. faria uma acareação com ele?

Vamos continuar com esse assunto (presentes), eu volto no Walter Delgatti para você. Tem que ter uma legislação, o único problema que eu tô tendo no governo é isso.

A PF tem um diálogo do Cid dizendo que um dos relógios foi vendido nos Estados Unidos e seria dado 25 mil dólares ao senhor.

Eu não recebi nada. Delgatti, eu recebi o Delgatti, não nego. A Carla Zambelli levou ele lá. O que a gente procurava naquela época? Ter a certeza que o sistema é seguro. Tanto é que eu encaminhei para a Comissão de Transparência Eleito-

ral, que foi uma comissão que foi criada por uma decisão do ministro Barroso, e que era para colaborar com o TSE para que a decisão fosse a mais segura possível. Pelo o que eu sei, ele ficou lá talvez 15 e 20 minutos, ele não foi recebido pelo ministro da Defesa, foi recebido por alguém dessa comissão e pelo que eu sei, pelo que eu sei, nunca mais voltou lá.

O senhor faria uma acareação com ele?

Para que fazer uma acareação?

Teve partes que seu advogado, Fabio Wajnarten, disse que foram mentira.

Aí foi mostrada a vida pregressa dele, estelionatário contumaz. A acareação tem que ser em pontos sensíveis. A palavra, só a palavra dele e mais nada?

O sr. disse que não que não recebeu nada. Mas mandou Cid vender as joias?

Vi outra matéria, conversaram com o advogado dele, dizendo que ele tinha autonomia.

O sr. mandou Mauro Cid

vender as joias?

Como está na matéria da *Folha*, ele tem autonomia. Não vou mandar ninguém vender nada.

Ele agiu por conta própria?

Joias é tido como personalíssimo, ou seja, pertence ao presidente. Até 2021. Agora, eu deixo claro. Foi no meu governo que derrubou a portaria. Se eu tivesse intenção outra, teria revogado, teria preocupação

"A acareação tem que ser em pontos sensíveis. A palavra, só a palavra dele, e mais nada?"

com essa portaria. Teve uma viagem do escalão nosso, 20, 25 pessoas receberam relógio do chefe daquele país. Inclusive discutiram: 'devolve, não devolve', foi decidido que ficava com aquelas pessoas.

Anulada a portaria, pode ter alguma implicação?

A portaria é do governo Michel

Temer. Foi presidente da Casa três vezes, é uma pessoa respeitada, exerceu dois anos e pouco de governo. Eu entendo que a portaria é legal. No mínimo até o final de 2021, tudo é personalíssimo, inclusive joia.

Tem matérias que dão conta que no ano de 2022 teria mais algum presente. Em 2022 seria irregular?

Até 2021 tudo certo? Tem que se basear no que está escrito. A partir de 2022, está definido o que é personalíssimo.

Aí a avaliação fica para a Justiça?

Fica no ar. Em dúvida, tem que beneficiar um lado.

Há a especulação de que pode haver prisão preventiva.

Eu não sou advogado. Tem pré-requisitos.

O senhor teme que pode ser preso?

Se eu estiver ligando para alguém fazer isso ou aquilo. Se for flagrado, eu me disponho à Justiça. Eu quero clarear o mais rápido possível. **W.G.**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 8